

DIÁLOGOS INTERSEMIÓTICOS: CRIAÇÃO E FRUIÇÃO DE POESIA EM MEIO DIGITAL

Nara Rúbia Gomes Duarte Xavier - UEG¹
Débora Cristina Santos e Silva - UEG²

Grupo de trabalho – Comunicação e Tecnologia
Agência financiadora: Central de Bolsas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - UEG

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os processos que norteiam a produção e a fruição literária, no contexto social da cibercultura, ao fazer referência à poesia digital e à nova postura do leitor diante desse contexto. Discute as particularidades dessa poesia enquanto *e-gênero*, sob os postulados de Marcuschi (2009), e relaciona-a às especificidades do ciberespaço. Busca analisar a posição do leitor como um escritor, tendo em vista o conceito de “escrileitura”, de Barbosa (1998). Para isso, realizou-se uma pesquisa teórica, de natureza qualitativa, com análise de conteúdo de diversos poemas digitais, apresentando-se aqui a análise do ciberpoema *Amor de Clarice*, do webpoeta português Rui Torres, por tratar-se de um exemplo elucidativo de criação digital, elaborada como releitura do conto *Amor*, da ficcionista brasileira Clarice Lispector. Além disso, a pesquisa buscou demonstrar os diálogos intersemióticos presentes na constituição de um poema em meio digital, salientando a importância da criação e fruição literária em diferentes veículos midiáticos e contextos sociais, como na instituição escolar. A metodologia consistiu no enquadramento teórico, análise e transposição didática de poemas digitais de Rui Torres e Antero de Alda, por meio de oficinas com professores da Escola Básica. Ademais, a pesquisa partiu de um estudo intersemiótico e multimodal do texto literário, realizado no âmbito do programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação e Tecnologias (MIELT/Prp/UEG). Os resultados, por sua vez, apontaram para a constatação de uma ciberliteratura emergente e híbrida, a qual conta com aspectos como multissemiose, interatividade, ubiquidade, hipermidialidade e hiperficção, proporcionados pela convergência de mídias, nos mais variados suportes. Assim, pôde-se concluir que as novas práticas sociais de leitura e escrita favorecerem a experiência de criação literária, incentivando o jovem leitor a vivenciar a comunicação e a expressão poética via redes interativas, o que acabou por alterar significativamente os limites existentes entre autor, leitor e texto.

Palavras-chave: Cibercultura. Diálogo intersemiótico. Poesia digital. Rui Torres.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT – da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista *Stricto Sensu*. Anápolis. Brasil. E-mail: naranubi@ig.com.br.

² Doutora em Teoria Literária com Pós-Doutoramento em Literatura e Hipermídia(UFP/Porto/PT). Professora e Coordenadora do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT/Universidade Estadual de Goiás/UEG. Orientadora da pesquisa. Bolsista PROBIP/UEG. E-mail: deboraphd@gmail.com

Introdução

Com o desenvolvimento de tecnologias consagradas como a fotografia, o cinema, a televisão e com o surgimento de outras, tais como as mídias digitais, as formas de expressão e comunicação se alteraram. Meios de leitura e produção textual também passaram por reconfigurações, que contemplaram um trajeto desde a antiguidade clássica à contemporaneidade. A poesia, que era cantada e entoada em rituais e jogos, no século VIII a. C, passa a surgir em outros meios e suportes, deixando de ser apenas ouvida e cantada e passando a ser lida em dimensões que abordam a aglutinação de múltiplas linguagens como a verbal, a visual e a sonoridade, sejam elas separadas ou hibridizadas, constituindo intersemiose.

Com o advento da cibercultura, contexto em que as TIC constituíram-se como condição para a realização de tarefas e afazeres básicos em nosso cotidiano, termos como *blogs*, *chats*, hipertexto, hiperficção, poesia digital e ciberliteratura tornaram-se presentes na rotina de profissionais de diversas áreas da sociedade, bem como de usuários da internet. No entanto, ainda podem gerar dúvidas quanto a sua utilidade, aplicabilidade e eficiência em contexto escolar, mesmo fazendo parte de um universo que está presente na vida de educadores e de seus respectivos alunos: a tecnologia. Diante disso, já não se pode questionar que mídias digitais não colaboram com a produção técnica e intelectual da sociedade, a qual se encontra hoje como tecnológica, digital e interativa.

A escrita também se insere nesse contexto, no sentido de explorar as particularidades oferecidas pelas TIC na construção semântica, poética e estrutural do texto. Por conseguinte, poetas que sempre fizeram uso de recursos concernentes à época em que produziram suas obras, usufruem, na contemporaneidade, de recursos tecnológicos eletrônicos e ao se referir à produção de poesia no espaço virtual. Esta, por sua vez, apresenta-se sob especificidades tais como como multissemiose, multimodalidade, formato hipermediático e interatividade, além de seu caráter ubíquo.

Autores como o webpoeta português Rui Torres promovem experimentações poéticas digitais que contemplam as particularidades inerentes a elas, produzindo uma poesia que ultrapassa os limites da palavra e promovem ao leitor e ao autor novos posicionamentos ao fazerem referência à criação e fruição da mesma. Isso posto, outro objetivo desse poeta, por meio de seus textos, é induzir autor e leitor a vivenciarem com mais frequência e intensidade a linguagem e a interação por meio da internet, além de promover novas produções literárias e

apresentar um novo paradigma de leitura. Dessa forma, faz-se relevante utilizar os novos meios de produção de escrita, extraindo dos mesmos um caráter renovador.

Poesia digital: um gênero da cibercultura

No contexto de mudanças sociais, a cibercultura configura-se como um estágio civilizatório em que se apresenta uma cultura do acesso, na qual a interatividade é característica responsável por possibilitar contato com diversas categorias de informação, em vários âmbitos, por meio de hipertextos digitais (SANTAELLA, 2004). Assim, novas práticas de trabalho diante à leitura, criação e fruição de textos fazem-se pertinentes à prática social dos leitores, os quais estão imersos em um cenário multicultural.

Um novo paradigma social se instaura, irrompendo possibilidades de trocas de informações em tempo real, partindo de qualquer lugar do mundo, fazendo com que o tempo cronológico e o espaço físico inexistam nesse ambiente. Por conseguinte, configuram-se novas formas de socialização e de relações com o tempo e com o espaço, as quais determinam a vida contemporânea, em que o indivíduo tem novos meios de interação e formação de novos grupos e da sua própria identidade, em um contexto amplo, aberto e universal, porém não totalizado (LÉVY, 2000).

Estipula-se, segundo esse autor, o princípio filosófico da cibercultura: “universalidade sem totalidade” (LÉVY, 2000, p. 111). Universal porque faz referência a tudo o que é produzido pelos usuários e que pode ser armazenado pela rede dos computadores. Sem totalidade porque a cibercultura reflete uma multiplicidade fragmentada que não é completa; não há um elemento que unifica todos os seus pontos, núcleos e elos. Falta na cibercultura um elemento comum em todos os pontos para unificá-los e torná-la totalitária. Todos os itens que compõem a cibercultura como *sites*, comunidades virtuais, programas, *blogs* etc. estão presentes no ciberespaço e este, quanto mais se expande, expande também a cibercultura, fazendo com que esta se torne ainda mais universal e menos total.

Com efeito, o resultado desse contexto é uma sociedade envolvida por tecnologias de todas as naturezas desde aferidores de temperatura a computadores e *softwares* que subsidiam protocolos de comunicação. Lançam-se oportunidades de gerar um grande número de informações, as quais se encontram imersas hoje na cibercultura, uma realidade formada por pessoas que estão diretamente ligadas ao mundo digital.

Diante disso, aspectos estilísticos do texto literário em formato digital, tais como a visualidade, a materialidade e reversibilidade das produções em Literatura Gerada por Computador (LGC), devem ser contemplados em uma discussão que os aborde dentro do processo de leitura e escrita, pois o meio digital oferece ao leitor variadas possibilidades de travessia para o texto literário, além de demarcar outros processos de produção e recepção do mesmo, (SANTAELLA, 2004).

A título de exemplificação, pode-se citar a trajetória da poesia, a qual migrou de produções orais para digitais. Nesse percurso, observa-se como autor e leitor fazem uso de recursos diversos, bem como os eletrônicos, para modificar a forma deles se relacionarem com os textos. Altera-se assim o meio como os autores escrevem suas obras e como os leitores recebem e propagam-nas, ou seja, aos autores promovem-se elementos estéticos e literários como visualidade, expressividade, materialidade e linguagem plurissígnica. Ao leitor, este constrói a sua sequência de leitura e sente-se, conseqüentemente, estimulado a ler e interpretar todos os contextos possíveis, criados a partir de um processo de transposição semiótica enriquecedor e abrangente, tornando o ato de ler muito mais eficiente por partir do uso de diversas mídias e não apenas do texto verbal escrito ou impresso (BARBOSA, 1996).

Assim, as mídias digitais podem ser pensadas como meio para a exploração do texto literário e como meio de ambiente e meio de transporte; espaço para onde confluem todas os estudos literários ou não. Tem-se a partir dessa concepção o ciberespaço como canal de interatividade, configurando um local em que os veículos de comunicação não se encontram ali; pois o próprio espaço é o meio de comunicação; ele tornou-se um espaço globalizante, (LÉVY, 2000). O ciberespaço exige que o leitor realize práticas diferentes das aristotélicas ao lidar com hipertextos e exercícios que exploram a escrita no âmbito virtual, pois trata-se de práticas diretamente ligadas às particularidades da *web 2.0*, como a rapidez, a interatividade, a ubiquidade e o hibridismo textual e cultural. Este, por sua vez, configura-se como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, p. XIX).

Diante disso, surgem variados tipos textuais que abarcam múltiplas linguagens, as quais podem ser verbal, hipertextual ou hipermediática e que propiciam práticas voltadas aos multiletramentos. Tal particularidade deve-se ao fato de que todas as possibilidades oferecidas pela hipermídia exercem um poderoso papel na produção, recebimento e difusão da literatura. Porém, é importante salientar que não são apenas as diferentes linguagens responsáveis pelos

multiletramentos; ainda se fazem presentes nesse processo a interação, a colaboração e a flexibilização dos ambientes educacionais juntamente as suas ferramentas digitais, associadas ou não a materiais didáticos impressos, (ROJO, 2013). Assim, deve-se pensar os multiletramentos a partir de práticas que explorem atividades diversificadas tanto no ambiente social, como no âmbito do escolar, considerando a multiculturalidade presente nesses contextos, ou seja a “*pluralidade e a diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos” (ROJO, 2013, p. 14/grifo da autora).

Por sua vez, o computador com seus *softwares* promove o entrelaçamento e a fusão de várias linguagens em um gênero textual. Há a agregação de som, cor, movimento, textura e profundidade promovendo uma nova roupagem para os vocábulos por intermédio de uma união entre aspectos verbais, visuais e sonoros, remontando particularidades encontradas no Concretismo brasileiro em uma performance verbivocovisual. Ademais, faz-se presente, nessa forma de produção literária, a convergência de mídias, que, segundo Pellanda (2003, s/p) “se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligadas pelo conteúdo”. Como exemplo, pode-se apontar o próprio computador, o qual comporta várias mídias como o rádio, a TV e a internet, ou seja, a mídia rádio, a exemplo, adentra a mídia internet, que, por sua natureza multimodal, já possui outras mídias que interagem naturalmente entre elas. Diante disso, os processos de construção e fruição literárias são potencializados, oferecendo novos e diversos modos para estas.

Fazem-se, assim, presentes, novos gêneros textuais, os quais são encontrados em meio virtual, tais como o *blog*, o *e-mail*, o *chat*, a poesia digital e outros sob as especificidades da hipermídia. Fulgura, assim, a ciberpoesia que se caracteriza como “a nova expressão poética do nosso tempo e integra o território da ‘ciberarte’ e [...] refere-se à toda a arte que tem sua base na cibercultura” (SANTAELLA, 2007, p. 332/aspas da autora/).

Em uma perspectiva histórica, os gêneros, tais como se conhecem, percorreram uma trajetória passando por várias etapas de desenvolvimento (MARCUSCHI, 2009). O autor, assim, explicita quatro etapas. A primeira foi denominada de cultura oral e a segunda evidenciou-se com o surgimento da escrita alfabética. Nesta, os gêneros se multiplicaram. Na terceira fase, com o advento da imprensa gráfica, conhecida como era Gutenberg, as formas textuais ampliaram-se mais ainda. Na contemporaneidade, observa-se a presença das mídias digitais, as quais promoveram os textos eletrônicos ou os gêneros digitais.

A sociedade assimilou, nesse percurso, vários suportes pelos quais construtos textuais foram instaurados. Atualmente, dispõem-se de diversos meios para isso. Destacam-se os que fazem referência ao ciberespaço por se manifestar como meios produtores de novas formas discursivas e por se tratar de um meio em potencial que excede a noção de usabilidade (RIBEIRO, 2008). Apresentam-se ao usuário diversas possibilidades de se efetivar leitura e escrita e, por sua vez, a internet, como suporte, amplifica as oportunidades de comunicação, estimula o surgimento de gêneros textuais e instiga o utente a interagir com as textualidades eletrônicas, que promovem novas posições a leitores e autores.

Dessa forma, observam-se aproximações do texto literário ao meio digital: o hipertexto e a hiperficção, o texto animado, interativo e multimídia, e o texto gerado por computador. O hipertexto para Torres (2004, s/p) interessa aos estudos literários e culturais no sentido em que ele nos leva a identificar, no tipo de escrita não linear e sequencial que o caracteriza, a própria noção de literalidade”. A hiperficção permite-nos rearticular os conceitos de dialogismo e de intertextualidade, pois na internet, o hipertexto amplia e torna visível a percepção dos textos como conjunto de outros textos. Ademais, o texto animado instaura formas de cocriação coletiva, de que são exemplos, a interatividade e a intermídia presentes em cibertextos como as poesias digitais.

As ideias em um hipertexto estão conectadas e distribuídas por elos ou nós, unidades básicas de informação hipertextuais, que podem ser acessados simultaneamente ou não. “Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos” (LÉVY, 1993, p. 33). Corroborando a ideia desse autor, elos e nós são “nexos associativos” (SANTAELLA, 2007, p. 307), que podem eles mesmos se configurar em hipertextos, que, ao serem acessados, fazem com que o espaço de um *site* se entenda por si só, compreendendo o intervalo entre o início da leitura e a próxima possibilidade de vincular documentos, ou seja, o próximo *link*. Logo, na *Web*, cada *link* é entendido na visão desses autores como um nó da rede, que pode endereçar o leitor a outras páginas do mesmo *site* como também para outros *sites* no ciberespaço da internet.

Nesse sentido, a internet “tornou-se um imenso laboratório de experimentações de todos os formatos” (MARCUSCHI, 2009, p. 31) e, por conseguinte, no cenário da cibercultura e ciberespaço, os gêneros textuais passam a ser compostos por novas configurações, transmutando-se de outros gêneros. Por conseguinte, há os gêneros que se mesclam a outros em processos de hibridização através de relações entre mídias e linguagens diferentes.

Surtem então os conceitos de e-gêneros ou gêneros textuais digitais, os quais se manifestam exclusivamente em ambientes virtuais e caracterizam-se por permitir que o usuário utilize da escrita de forma interativa usando como suporte as mídias digitais (MARCUSCHI, 2009). Os e-gêneros são novas formas discursivas que se originam da utilização de *softwares* e de outros meios interativos presentes no ciberespaço. No entanto, a hipermídia não deu origem a novos gêneros textuais, mas configurou-se como suporte aos gêneros já existentes (MARCUSCHI, 2009). Assim, o que é veiculado nas redes de um hipertexto teve origem na cultura impressa ou oral. Pode-se citar a linguagem síncrona nas conversas via *messenger*, em que os usuários enviam e recebem informações simultaneamente, aproximando das práticas empregadas na oralidade.

Os gêneros digitais mantêm relações com textos difundidos pelas mídias impressas eletrônicas ou não. Por outra vertente, é válido ressaltar que apesar dessa relação entre antigos e novos gêneros, estes, por sua vez, possuem características próprias tais como: permitir maior interação entre os usuários e entre vários signos verbais, bem como sons, cores, imagens ou formas em movimento. Com efeito, “o fato inconteste é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som” (MARCUSCHI, 2009, p. 22). Logo, nos ambientes virtuais várias semioses mantêm relações próximas e integradas, pois as TIC auxiliam a produção de novas imagens, novos *layouts*, novos textos, bem como popularizam essas produções de forma rápida e ubíqua.

Com efeito, o texto digital é constituído a partir dessa aglutinação de semioses e ainda se destaca nos quesitos de velocidade, dinamicidade e rapidez ao atualizar informações. Os gêneros em ambientes digitais fulguram sempre em interação, promovendo inovações no contexto da linguagem, seja oral ou escrita, devido à multisssemiose e multimodalidade que podem ser contempladas no processo de produção de um texto em ambiente virtual. Tal concepção pode ser observada em experiências poéticas do ciberpoeta português Rui Torres, o qual buscou explorar a poesia digital, sob processos de transcrição do texto poético impresso no formato digital. Para isso, o autor munuiu-se de recursos oferecidos pelo ciberespaço, o qual se configura pela exposição de gêneros emergentes

Ademais, os gêneros digitais não se restringem a elementos ou particularidades formais ou estruturalistas da língua. Ao contrário, fazem relação com a natureza interativa, comunicativa, dialógica e responsiva do texto. Assim, é a sua usualidade, sua funcionalidade,

sua competência sociocomunicativa que organiza e identifica um gênero textual. Um gênero textual, não é estático ou rígido e nem segue um determinado padrão de produção textual. E devido a essa flexibilidade e maleabilidade, os gêneros “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com as inovações tecnológicas” (MARCUSCHI, 2009, p. 19). Portanto, a definição ou conceito de gênero não pode ser explorado de forma isolada do contexto social que lhe deu origem e nem se deve, também, desconsiderar a sua relação com as práticas sociais dos indivíduos organizados em grupos sociais.

Diante disso, entende-se que as atividades de ler e escrever na contemporaneidade se modificaram de acordo com o suporte e com a diversidade de meios que há na era digital. A leitura então exige mais do que exercícios de decifrar signos verbais. Necessita-se de habilidades voltadas aos multiletramentos por se estar diante de composições múltiplas, em que os textos são construídos a partir de intersemiose. A produção de sentido surge das relações que se instituem entre as mídias e linguagens presentes na composição dos textos digitais, em um processo de hibridização.

Rui Torres e sua atitude experimentalista em *Amor* de Clarice Lispector

No intuito de superar os limites do espaço do papel, uma infinidade de atividades digitais surge e toma lugar no ciberespaço, o qual é o “principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e de ensino da sociedade por si mesma [...] Nele toda a sociedade humana irá convergir para uma inteligência coletiva (LEVY, 2001, p. 152), que se caracteriza por manter a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado por todos, via meios da hipermídia. Nesse cenário de construção coletiva de conhecimento, Rui Torres explora os múltiplos recursos das TIC para expandir as possibilidades de manuseio da linguagem no meio virtual, ou seja, o autor busca ampliar abordagens e estudos voltados à produção, aquisição e construção de conhecimento, considerando as múltiplas semioses do texto digital contemporâneo, bem como estimular a interatividade textual mediada pela hipermídia.

Rui Torres, em sua prática experimental, desenvolve o ambiente virtual www.po.ex.net, a fim de que se modifique, por ação tanto do produtor como do leitor, a forma de perceber as imagens abstratas dos poemas, produzindo sensações diferenciadas ao deparar-se com o texto virtual (CASTRO, 1998). Isso posto, outro objetivo de Torres, por meio de seus textos digitais,

é fazer com que autor e leitor vivenciem com mais frequência e intensidade a linguagem e a interatividade, além de promover, por consequência, novas produções poéticas e fornecer subsídios para a fruição literária.

Sendo assim, é necessário examinar as ferramentas que compõem a hipermídia para a leitura e produção da literatura digital através de recursos inovadores como o gerador de textos, denominado *Poemário*. Criado e desenvolvido por Rui Torres, tal gerador encontra-se disponível para manipulação, por parte dos leitores, no *blog*, também intitulado de *Poemário*. O recurso é capaz de desenvolver diversos poemas a partir de procedimentos combinatórios por parte de trocas vocabulares, compondo textos em ambientes virtuais ou ciberlugares, os quais passam a ser espaços de interatividade, produção artística e construção coletiva de leitura e escrita.

Ao entrar em contato com o *Poemário*, tem-se uma experiência de construção virtual de textos. O leitor depara-se com elementos da virtualidade como a linguagem; com as estruturas sintática, semântica, espacial e temporal; com o suporte; e com a mensagem, além das suas próprias impressões e sensações diante de uma poesia combinatória programada. No *blog Poemário*, os leitores produzem releituras de textos poéticos e têm a oportunidade de divulgá-los, instantaneamente, *on-line* no próprio *site*, oportunizando, dessa forma, interatividade e coautoria ao leitor, o qual participa ativamente na construção textual, destituindo a concepção de que apenas o autor é quem constrói textos.

Nesse sentido, fulgura o conceito de *escreitura*, cunhado por Barbosa (1998). Esse conceito explora o processo da escrita pela leitura ou da leitura pela escrita. Trata-se de uma ação que exige uma nova atuação do leitor, assumindo a coautoria. A *escreitura* objetiva especificar possibilidades de interatividade entre obra e o fruidor, podendo alterar o objeto literário, pois a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção simbiótica nas funções tradicionais do autor e do leitor mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final, (BARBOSA, 1998). O texto passa a receber sentidos diversos e inesgotáveis a partir da colaboração subjetiva do leitor, o qual pode ser denominado um *escreitor*, segundo Barbosa (1998). Assim, a criação não é mais algo exclusivo do autor, já que o leitor cria e recria a obra também.

Essa perspectiva de abordagem possibilita o estudo das viabilidades de um novo léxico e de novas concepções teóricas capazes de adentrar a construção do conhecimento científico

texto a ser produzido. Nesse sentido, o usuário, diante da tela, tem várias opções de palavras a serem elencadas ao seu critério para a construção da releitura. Sobressaem, dessa maneira, as vontades do usuário, pois o gerador textual não escolhe os vocábulos; ele possibilita que estes sejam escolhidos, corroborando o conceito de escrileitura de Barbosa (1998) ao apontar que o leitor torna-se um escrileitor, um coautor, do texto que ele lê.

Assim, concomitantemente, leitura e escrita são concretizadas, sob as particularidades da hipermídia e sob as subjetividades do leitor. Este ao optar por uma ou outra palavra, vai construindo seu poema digital, em um processo de intertextualidade com o conto de Lispector, como pode ser observado no Quadro 1, ilustrado neste texto. Vale ressaltar, que após a produção do poema no *blog*, pode-se publicá-lo, instantaneamente, no *site* <http://telepoesis.net/poemario/>, reiterando o aspecto de dinamicidade presente nos textos digitais.

Um aspecto importante nas reescritas é o nome *ana* com letra minúscula, aludindo à perda gradativa de identidade da personagem, como se ela não se sentisse mais importante ou se anulasse diante do mundo em que vive. Os sons do poema, outro elemento fundamental, conseguem envolver o leitor em um processo de interatividade de forma que ele, ao manipular o poema, por meio do *mouse*, aciona uma voz que realiza a leitura do trecho selecionado. Aos olhos do texto literário em suas especificidades particulares, o conto de Lispector traz em seu bojo o caráter contextual, o que reitera a intencionalidade da autora em proporcionar ao leitor não só o prazer estético, como também a noção de anulação e alienação do sujeito, por meio da narração de um dia na vida de Ana. Sob essas particularidades, a poesia digital concretiza-se em uma arte a ser conduzida pelo olhar do leitor, o qual, ao pode se tornar um coautor, como bem visto nas releituras.

Como um elemento inovador, as relações semânticas existentes em um poema virtual indicam novas posturas frente ao ato da leitura do texto. Este, inserido na cibercultura, contribui com a formação de leitores que atuam ativamente na construção textual. Assim, como as inovações fazem-se presentes no cotidiano da sociedade moderna, tem-se a indispensabilidade de buscar ferramentas inovadoras como os meios midiáticos para se ter leitores participantes voltados a uma leitura que contemple no âmbito dos signos as novas peculiaridades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação, visando a um objetivo diferenciado na comunicação humana.

Considerações finais

Algo evidente e consolidado no decorrer da evolução literária é que sociedade contemporânea vem sendo marcada pela complexidade da vida moderna, que impele aos leitores novos gêneros textuais. Ademais, há uma ascensão e consolidação da cibercultura que disponibiliza, em novas esferas virtuais, convivência e aprendizagem, processos dinâmicos de interatividade e práticas colaborativas, as quais se propagam pelas virtualidades da internet.

No entanto, não foram apenas mudanças sociais que ocorreram: o leitor, o livro impresso ou digital e a leitura tiveram sua evolução reconfigurada em vivências de interação, as quais ocorrem em ambientes virtuais ou não e que possibilitam às pessoas se somarem, mesmo com objetivos diferentes, e se expressarem sincrônica e anacronicamente, no intuito de produzir novos tipos textuais e experiências ímpares de escrita como a escreitura, que ditam o poder de recriar e operacionalizar concomitantes ligações, independente de alguma ordem linear, promovendo emancipação do leitor.

Tais experiências se multiplicam a cada dia e apresentam além de reconstruções nas estruturas morfossintáticas, grupos imagéticos, construtos culturais e ideológicos de uma esfera social que transformam e direcionam a leitura e a escrita a inéditos caminhos no intuito de produção e apreciação do conhecimento e da estética inerente a uma forma multimodal de redigir, que supera paulatinamente os limites da página impressa e promove um leque de atividades digitais, contemplando aspectos como dinamicidade, interatividade, além de visualidade, materialidade e reversibilidade na literatura, ao se transpor um texto à tela.

Isso posto, vivencia-se o ato comunicativo e a linguagem via redes interativas e virtuais, o que acabou por volver os limites existentes entre o autor e o leitor do texto e afetou também as produções poéticas, que passaram de algo estático a algo interativo, simultâneo, ubíquo e instantâneo. Assim, nesse domínio de produções modernas, faz-se presente a poesia digital, produzida por poetas como Rui Torres, integrantes de um tempo que esmera o fazer poético, preservando, por outro lado, a tradição e suas importantes colaborações, pautadas em uma tendência clássica, acadêmica e formal. Desta feita, no âmbito da criação poética digital, produções experimentais de Rui Torres abriram espaço à interatividade por meio da hipermédia, reforçando inúmeras possibilidades de composição estética e literária.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pedro. **A Ciberliteratura: Criação literária e computador**. Lisboa: Cosmos, 1996.

BARBOSA, Pedro. **A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador**. Arquivo Digital da PO-EX, Lisboa, volume 2, p. 181-188, maio de 1998. Disponível em: < <http://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/pedro-barbosa-renovacao-do-experimentalismo-literario>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013

CASTRO, Ernesto Manuel Melo e. Uma transpoética 3D. **Revista Internacional de Poesia – Dimensão**, Uberaba, volume 29, p. 415-494, 1998.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: _____; XAVIER, A. C. (org). **Hipertexto e gêneros digitais – Novas formas de construção de sentido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2009.

PELLANDA, Campos Eduardo. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento. In CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, BH/MG. **Anais Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte: PUC/MINAS, 2003, s/p. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital da leitura de jornais**. 2008. vi, 134f. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Hipertexto-ana-elisa-ribeiro.pdf>> Acesso em: 15 maio 2015.

ROJO, Roxane. **Escol@ conectada: Os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Para compreender a Ciberliteratura. **Texto Digital**, Florianópolis, volume 8, número 2, p. 229 - 240, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/>> Acesso em: 24, maio, 2014. DOI: 10.5007/1807-9288.2012v8n2p229

TORRES, Rui. Poesia em Meio Digital: algumas observações. 2004. In: GOUVEIA, L. B., GALO, S. **Sociedade da Informação: Balanço e Implicações**. Porto: Edições da Universidade Fernando Pessoa, p. 321-328. Disponível em:< <http://www.pucsp.br/ciberliteratura/Arquivos/poesiad.pdf> >Acesso em: 22 maio 2015.